

# Tornando visíveis as experiências trans por meio de traduções\*

REGIANE CORRÊA DE OLIVEIRA RAMOS\*\*  
TRADUÇÃO DE DAVI SILISTINO DE SOUZA\*\*\*

Por trás de meu exterior colorido encontra-se uma pessoa retraída e machucada que anseia por liberdade—liberdade para viver por si mesma e liberdade para se parecer com quem ela é. Aceitação é o que procuro. Meu exterior rígido e a indiferença são uma armadura que aprendi a vestir para proteger minha vulnerabilidade<sup>1</sup>.

Manobi Bandyopadhyay

---

\* Tradução de “Making Trans Experiences Visible through Translations”, capítulo do livro *India in translation, Translation in India*, organizado pelo Prof. Dr. G.J.V. Prasad, da Jawaharlal Nehru University (JNU) de Nova Déli – Índia. Por sua importância, providenciamos, com autorização da autora, uma tradução do texto para integrar este Dossiê (Profa. Dra. Cláudia Nigro, organizadora do Dossiê).

\*\* É professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) da Unidade Jardim. Tem experiência na área de Língua e Literatura, com ênfase em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua e Literaturas de Língua Inglesa. Atualmente é pós-doutoranda em Letras no Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP. Atua nos seguintes temas: gênero, raça e sexualidade. E-mail: regiane.ramos@uems.br

\*\*\* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: dsilistino@gmail.com

<sup>1</sup> Todos os textos neste artigo, cujos originais são escritos em inglês, têm tradução nossa. Quando não houver menção ao número de página, é porque se trata de artigo publicado em site, sem paginação. No original, “Beneath my colourful exterior lies a curled up, bruised individual that yearns for freedom—freedom to live life on her own and freedom to come across as the person she is. Acceptance is what I seek. My tough exterior and nonchalance is an armour that I have learned to wear to protect my vulnerability”.

A revista acadêmica *TSQ: Transgender Studies Quarterly* é a primeira revista fora da medicina dedicada a estudos transgêneros<sup>2</sup>. Foi fundada por Paisley Currah e Susan Stryker, cujo objetivo era criar uma plataforma para bolsas e pesquisas inovadoras, que desafiassem a objetificação, patologização e exotização das vidas de transgêneros. É um espaço onde a comunidade trans possa fazer suas críticas. A missão, assim como Currah e Stryker apontam, é:

Incentivar uma conversa vigorosa entre os estudiosos, artistas, ativistas e outros que examinam como a 'transexual' se caracteriza como uma categoria, um processo, uma assembleia social, uma identidade de gênero cada vez mais inteligível, uma ameaça identificável à normatividade de gênero e uma rubrica para entender a variabilidade e a contingência de gênero através do tempo, espaço e culturas. (*TSQ: Transgender Studies Quarterly*, s/d., s/p.)<sup>3</sup>.

A primeira edição, organizada por Paisley Currah e Susan Stryker, foi lançada em maio de 2014 com Chelsea Elizabeth Manning na capa e com o título "Postposttranssexual: Key Concepts for a Twenty-First-Century Transgender Studies (*TSQ: Transgender Studies Quarterly*)"<sup>4</sup>. Existem oitenta e seis entradas principais para esta edição inaugural, que se

---

<sup>2</sup> Para uma leitura detalhada acerca da história dessa área acadêmica, consultar Stryker e Whittle (2006). Consideramos a palavra "transgênero" como um conceito do qual se ramificam diversas outras identidades, seguindo o posicionamento de Paisley Currah e Susan Stryker. Na introdução à primeira edição da revista *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, as autoras explicam que, desde o começo, a categoria transgênero representa "uma resistência à medicalização, à patologização e aos vários mecanismos, pelos quais o estado administrativo e suas instituições médico-legais-psiquiátricas associadas procuraram conter e delimitar os potenciais socialmente perturbadores da atipicidade, incongruência e não-normatividade do sexo/gênero" (STRYKER; CURRAH, 2014, p. 5). No original: "a resistance to medicalization, to pathologization, and to the many mechanisms whereby the administrative state and its associated medico-legal-psychiatric institutions sought to contain and delimit the socially disruptive potentials of sex/gender atypicality, incongruence, and nonnormativity".

No artigo "(De)Subjugated Knowledges: An Introduction to Transgender Studies", Susan Stryker define transgênero como 'alguém que mudou permanentemente o gênero social por meio da apresentação pública de si mesmo, sem recorrer à transformação genital' e transexual como "alguém que mudou permanentemente os genitais, a fim de reivindicar a participação em um gênero diferente daquele atribuído ao nascimento" (STRYKER, 2015, p. 4). No original: "someone who permanently changed social gender through the public presentation of self, without recourse to genital transformation" e "somebody who permanently changed genitals in order to claim membership in a gender other than the one assigned at birth".

<sup>3</sup> No original: "to foster a vigorous conversation among scholars, artists, activists, and others that examines how 'transgender' comes into play as a category, a process, a social assemblage, an increasingly intelligible gender identity, an identifiable threat to gender normativity, and a rubric for understanding the variability and contingency of gender across time, space, and cultures". Essa informação está disponível gratuitamente na *webpage* da revista: <https://read.dukeupress.edu/tsq/pages/About>

<sup>4</sup> Chelsea Elizabeth Manning é uma ativista trans, política e ex-soldado do Exército dos Estados Unidos. Manning ficou famosa por divulgar ao *WikiLeaks* quase 750.000 documentos militares e diplomáticos confidenciais ou não. Allucquère Rosanne Sandy Stone é uma transgênero considerada uma das fundadoras da disciplina acadêmica dos estudos sobre transgêneros nos Estados Unidos. Em 1987, Stone escreveu o ensaio "O império contra-ataca: um manifesto pós-transsexual", considerado, nas palavras de Susan Stryker, "o texto multifacetado do qual emergiram os estudos contemporâneos sobre transgêneros. Desenvolveu uma análise pós-estruturalista da identidade de gênero, que abriu novas possibilidades para as transexuais – e, por extensão, para outros tipos de pessoas que se sentem 'de gênero diferente' – escaparem dos poderosos efeitos dos discursos médicos e feministas que objetivaram apagar e invalidar suas experiências de vida." (STRYKER; WHITTLE, 2006, p. 221). No original: "the protean text from which contemporary transgender studies emerged. It developed a

tornou um livro, o qual traz um enfoque em um vocabulário conceitual para os estudos de transgêneros. Entre eles, encontramos a entrada “tradução” (transportar ou trazer ao outro lado), de A. Finn Enke. A aplicabilidade da tradução nos estudos de transgêneros é, para Enke,

um ato necessário e profundamente esperançoso para quem cruza os limites estabelecidos para os gêneros, pois fomos ensinados que transgênero é marcada por disforia, uma palavra do grego que significa difícil de suportar, difícil de transportar. Para transportar ou trazer ao outro lado, nós [transgêneros] nos tornamos poetas, contadoras de histórias e artistas (ENKE, 2014, p. 241)<sup>5</sup>.

As edições de *TSQ* incluem um breve prefácio dos organizadores gerais; a introdução à edição, feita pela equipe editorial convidada; diversos artigos de destaque; e algumas das várias seções recorrentes: livros, artes e cultura, e resenhas de novas mídias; documentos e imagens; artigos de opinião; entrevistas; bibliografias anotadas; traduções; moda.

A seção “Tradução”, que nos interessa aqui, visa expandir o escopo dos estudos sobre transgêneros para “além de suas raízes anglófonas, destacando textos originários de outros idiomas que não o inglês e tornando visível o trabalho de tradução necessário para levar ao público leitor de inglês o trabalho de pesquisadores, escritores, pensadores e ativistas de todo o mundo” (STRYKER, 2015, p. 525)<sup>6</sup>. Recebe-se não apenas “documentos históricos e vozes contemporâneas que desafiam simultaneamente o viés anglocêntrico da área de estudos de transgêneros, enquanto a amplitude e o alcance do campo são expandidos”, mas também “textos de ficção, não-ficção, poesia e textos de pesquisa” (STRYKER, 2015, p. 525)<sup>7</sup>.

A primeira seção sobre “Tradução” saiu no volume 2, número 3 (01 de agosto de 2015) como “Trans\*formational Pedagogies”. Incluiu o trabalho de S. P. F. Dale, que traduziu o artigo de Ray Tanaka, “Queers and the Issue of Priority”, e o trabalho de Fabian Alfie, que traduziu uma passagem descrevendo o transformismo (*cross-dressing*) em um texto italiano do século XIV de Giovanni Sercambi. A segunda seção sobre “Tradução” se tornou o tema principal do volume 3, número 3–4 (01 de novembro de 2016), “Translating Transgender”. Esta edição especial, inteiramente sobre tradução, faz com que os estudos de transgêneros, como uma área da teoria crítica, investiguem pontos interessantes, como: estudos etnográficos de espaços e comunidades transgêneros multilíngues; estudos etnográficos de contextos médicos, legais, penais ou educacionais, nos quais a posicionalidade ou existência de

---

poststructuralist analysis of gender identity that opened up new possibilities for transsexuals—and, by extension, for other types of people who feel themselves to be ‘differently gendered’—to escape the powerful effects of both medical and feminist discourses that have worked to efface and invalidate their life experiences”.

<sup>5</sup> No original: “a necessary and profoundly hopeful act for those who trans gender, for we have been taught that transgender is marked by dysphoria, a word from Greek that means difficult to bear, difficult to carry. In order to carry or bring across, we [transgenders] become poets, storytellers, and artists”.

<sup>6</sup> No original: “beyond its Anglophone roots, by highlighting texts originating in languages other than English and by making visible the work of translation necessary to bring to English- reading audiences the work of researchers, writers, thinkers, and activists from around the world”.

<sup>7</sup> No original: “historical documents and contemporary voices that simultaneously challenge the Anglocentric bias of the transgender studies field while expanding the field’s breadth and reach [...] translated fiction, nonfiction, poetry, and research texts”.

transgêneros é negociada translíngualmente; reflexões sobre o ofício e a prática da tradução, amplamente concebidos; estudos que modelam um “estudo multilíngue de transgêneros” ou uma futuridade trans multilíngue de maneira mais ampla; reflexões sobre o processo de tradução de textos que lidam com transgêneros e variações de gênero; ensaios sobre como pode se parecer a metodologia transgênero na teoria ou prática da tradução; ensaios explorando o que as práticas de intérpretes e tradutores profissionais (literários, poéticos, técnicos, diplomáticos) podem revelar sobre a epistemologia transgênero; estudos históricos vinculando a prática multilíngue, de troca de código e translíngual com a concretização transgênero; estudos históricos ligando a genealogia do monolingualismo a várias linhagens de normatividade de gênero; e um metacriticismo da área emergente dos estudos sobre transgêneros, seus termos e metodologias do ponto de vista multilíngue, apenas para mencionar alguns, pois a lista é longa (GRAMLING; DUTTA, 2016, p. 345–346)<sup>8</sup>. Os artigos compilados nessa edição “procedem como uma residência crítica informal por meio de uma série de problemáticas que, juntas, testam as capacidades heurísticas e políticas das palavras tradução e transgênero em vários contextos” (GRAMLING; DUTTA, 2016, p. 346)<sup>9</sup>. Esses artigos induzem perguntas instigantes, que variam de como as pessoas trans participaram da vocação da tradução e de como elas são consideradas ou desconsideradas da história geral da tradução, até o que os campos dos estudos de tradução e dos transgêneros têm a dizer um ao outro – em termos de restrições metodológicas e políticas, suas reivindicações de relevância interdisciplinar e relacionamento com estruturas e discursos universitários (GRAMLING; DUTTA, 2016, p. 347)<sup>10</sup>. A terceira seção sobre “Tradução” está no volume 4, número 2 (01 de maio de 2017), “*The Issue of Blackness*”. A “*Translation Section: The Issue of*

<sup>8</sup> Para acessar a listagem levantada por eles, acesse os artigos incluídos na primeira edição, “*Untranslatable Subjects: Travesti Access to Public Health Care in Brazil*”, de Alvaro Jarrín; “*Language Purism and Gender: Icelandic Trans\* Activists and the Icelandic Linguistic Gender Binary*”, de Jyl Josephson; “*Þorgerður Einarsdóttir; From Representation to Corposubjectivation: The Configuration of Transgender in Mexico City*”, de Alba Pons Rabasa; “*Translating Hijra into Transgender: Performance and Pehchān in India’s Trans-Hijra Communities*”, de Jeff Roy; “*Always in Translation: Trans Cinema across Languages*”, de Helen Hok-Sze Leung; “*Conceptualizing Sex, Gender, and Trans: An Anglo-Finnish Perspective*”, de Unni Leino; “*Pedro Lemebel and the Translatxrsation: On a Genderqueer Translation Praxis*”, de Arielle A. Concilio; “*Keeping the Trans in Translation: Queering Early Modern Transgender Memoirs*”, de Emily Rose; “*Translation, Transition, Transgender: Framing the Life of Charlotte von Mahlsdorf*”, de Brian James Baer; “*Untranslating Gender in Trish Salah’s Lyric Sexology Vol. 1*”, de Kay Gabriel; “*Plus the Swinging of the Door*”, de Nathanaël; “*Flows of Trans-Language: Translating Transgender in the Paraguayan Sea*”, de Christopher Larkosh; “*In Memoriam to Identity: Transgender as Strategy in Qiu Miaojin’s Last Words from Montmartre*”, de Ari Larissa Heinrich e Eloise Dowd; “*You Have Made Her a Man among Men’: Translating the Khuntha’s Anatomy in Fatimid Jurisprudence*”, de Saqer A. Almarri; e “*Translating the Human: The Androgynos in Tosefta Bikurim*”, de Max Strassfeld.

<sup>9</sup> No original: “proceed as a loose critical sojourn through a range of problematics that, together, test the heuristic and political capacities of the words translation and transgender in various contexts”.

<sup>10</sup> As outras questões levantadas pelos ensaios são: como a pressão para “ser traduzível” afetou as vidas, as histórias e as experiências de pessoas transgêneros e qual é a consequência política dessa pressão? Como a tradução rápida e monetizada de certos discursos na era da transnacionalização institucional – incluindo discursos médicos, jurídicos, de direitos humanos, de saúde sexual, feministas, cirúrgicos, psicológicos, legislativos e ativistas – impactou a capacidade de prosperar de pessoas ou comunidades identificadas como trans? Que contingências específicas acompanham a tarefa de traduzir textos que narram subjetividades de transgêneros? Como a vida transgênero em contextos históricos segregativos de gênero levou a novas práticas de textualização translacional – isto é, a maneiras de tornar o corpo significativo como persona humana ou sujeito cívico? (GRAMLING; DUTTA, 2016, p. 347).

*Blackness*”, organizada por David Gramling, Patrick Ploschnitzki e Tara Taylor, contém três artigos curtos, traduzidos do alemão, que refletem sobre a pessoa negra *queer* na comunidade negra na Alemanha. A quarta sessão sobre “Tradução” aparece no volume 5, número 1 (01 de fevereiro de 2018), com Emrah Karakus traduzindo vozes trans da Turquia. Assim, a revista *TSQ: Transgender Studies Quarterly* destaca que a tradução não apenas faz a narrativa trans circular globalmente, como também enfatiza a importância de construir uma ponte de solidariedade para as pessoas trans em todo o mundo. Fornece dados e análises comparativos sobre aspectos significativos da situação de direitos humanos de pessoas trans e de gênero variantes e advoga por sua proteção.

Nos últimos dois anos na Índia, houve um grande interesse em traduzir as autobiografias das *hijras* para o inglês e para outros idiomas indianos. A relação entre tradução e minorias não pode, a princípio, ser facilmente vista. No entanto, é um dos temas mais importantes nesse campo de pesquisa nos últimos anos, como destaca o *TSQ*. Pessoas que pertencem a grupos minoritários em uma determinada sociedade, como falantes de um determinado idioma não oficial ou regional, pessoas com necessidades especiais e comunidades trans, podem compartilhar suas experiências e tentar se conectar um com o outro por meio de tradutores e intérpretes. Eles ajudam pessoas trans a espalhar seus pontos de vista e reivindicações para lugares legítimos em seus países ou sociedade. Isso vale especialmente na Índia, onde coexistem 22 línguas principais e 22.000 dialetos distintos. Essa diversidade linguística e cultural significa que enormes barreiras precisam ser ultrapassadas em todo o país, e o idioma desempenha um papel significativo na vida cotidiana das pessoas. No entanto, mais do que idiomas diferentes, o subcontinente apresenta uma variedade de culturas locais que, exceto pela tradução, permaneceriam desconhecidas fora do seu espaço original – e, às vezes, limitado. A literatura indiana, em línguas vernaculares ou em inglês, foi espalhada por todo o mundo; escritores indianos contemporâneos, cujos trabalhos são originalmente publicados em um dos idiomas locais, como sânscrito, bengali, hindi, urdu e outros, são traduzidos para o inglês, encontrando assim um público mais amplo no país e no exterior. E, acima de tudo, as minorias indianas podem expressar suas necessidades e esperanças em textos que serão traduzidos e conhecidos em países distantes como o Brasil.

A voz da comunidade *hijra*<sup>11</sup> está sendo ouvida no Brasil graças às traduções inglesas de suas (auto)biografias, uma linguagem que proporciona maior visibilidade e alcance internacional. Entre as comunidades trans locais, as seguintes obras têm boa recepção: *I am Vidya: A Transgender's Journey* (2013) de Living Smile Vidya, *The Truth about Me: A Hijra Life Story* (2010) de A. Revathi, *Me Hijra, Me Laxmi* (2015) de Laxmi Narayan Tripathi e *A Gift of Goddess Lakshmi* (2017) de Manobi Bandyopadhyay. Quando apresentadas em congressos, em inglês ou em tradução de trechos para o português, suas narrativas de intenso estigma, discriminação e violação dos direitos humanos criam uma sensação de, usando as palavras

---

<sup>11</sup> A comunidade trans na Índia, como aponta Gee Imaan Semmalar, é diversa e inclui várias identidades tais como: *hijra*, *thirunangai*, *kinnar*, *mangalamukhi*, *aravani*, *kothi*, *jogappas*, *shiv shaktis*, *thirunambis*, *bhaiyya* e *paiyyan* (SEMMALAR, 2014, p. 286). A identidade *hijra*, como explica Laxmi Narayan Tripathi, pertence a “mais antiga comunidade étnica de transgêneros” (TRIPATHI *apud* CROCKER, 2014, s/p). No original: “the oldest ethnic transgender community”.



de Benedict Anderson, “comunidade imaginada” entre as/os brasileiras/os trans que também experimentam múltiplas formas de opressão e violação dos direitos.

Como apontei em “*The Voice of an Indian Trans Woman: A Hijra Autobiography*” (2018), a literatura *hijra*, um gênero literário novo e em evolução na Índia, está tentando conscientizar o/a leitor/a e a sociedade de que “as *hijras* são capazes de mais do que apenas mendicância e trabalho sexual” (REVATHI; 2010, p. v)<sup>12</sup>. É uma compilação das experiências trans e da cultura das *hijras* e de sua resistência à heteronormatividade<sup>13</sup>, que cria processos insidiosos de estigmatização, discriminação, marginalização, patologização e confinamento, operando no nível da percepção social, no espaço social, nas instituições sociais, no senso comum, no sistema judicial, na família, no Estado e no sistema médico (FOUCAULT; 1988, p. 80–81). Essas autobiografias discutem questões de direitos humanos, democracia, sistema de castas, leis e igualdade de gênero na Índia. Descrevem também o ativismo trans indiano, que busca respeitabilidade e representatividade para a identidade trans. Suas preocupações sociais estão sendo divulgadas na Índia por meio de traduções.

Em 2007, a primeira autobiografia escrita por uma *hijra* foi a de *Living Smile Vidya*. Originalmente escrito em tâmil, o livro foi traduzido para assamês, inglês, canarês, malaiala, marata e outras línguas. Em 2011, o Sahitya Akademi Award concedeu a Tamil Selvi um prêmio pela melhor tradução do livro de Vidya. Selvi traduziu *Naan Sharavanan Illai. Vidya* (2007), de Tâmil para *Naanu Avanalla ... Avalu ...!* (2015), em canarês. A partir da tradução em canarês, B. S. Lingadevaru produziu o filme *Naanu Avanalla ... Avalu ...!* (2015), retratando a vida de Vidya na tela e tornando visível a comunidade *hijra*. Na passagem da palavra (texto literário) para o audiovisual (cinema e teatro)<sup>14</sup>, a primeira autobiografia de uma *hijra* ganha novos registros, novos espaços e novo público. Através dessas diferentes expressões artísticas (literatura, cinema, traduções e teatro), Vidya faz a sua história circular, rebelando-se contra o “cis-tema”. O corpo abjeto, portanto, está presente e resistente na (re)escrita.

Em 2010, A. Revathi publica *The Truth about Me: A Hijra Life Story*. Embora tenha sido originalmente escrito em tâmil, foi publicado pela primeira vez em inglês com a tradução de V. Geetha. Foi traduzido depois para as línguas canarês, malaiala, tâmil e telugo. Como explica Revathi,

esses livros foram armazenados em bibliotecas de mais de 300 faculdades e universidades do país. Juntos, os livros criam conscientização entre os alunos sobre gênero e sexualidade. Até onde sei, os livros fazem parte do programa de 20 universidades e faculdades (REVATHI, 2016, p. xiii)<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> No original: “hijras are capable of more than just begging and sex work”.

<sup>13</sup> É a ordem sexual do presente, baseada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. É imposta por meio de violência simbólica e física, principalmente em relação àqueles que violam as normas de gênero.

<sup>14</sup> Em agosto de 2014, Living Smile Vidya, Gee Imman Semmalar e Angel Gladly fundaram o Teatro Panmmai. É a primeira companhia de teatro administrada por pessoas trans, cujo objetivo é usar o teatro como meio para, conforme Vidya explica, “Panmai começou como uma plataforma para contarmos nossas histórias. Mas, a longo prazo, esperamos transformá-lo em espaço para outras pessoas marginalizadas contarem as suas” (VIDYA *apud* RAJENDRA, 2015, s/p). Segundo Semmalar, na peça *Cor de trans*, “nosso foco tem sido apresentar a história de nossas vidas, a percepção das pessoas sobre nós e os problemas que enfrentamos [...] *Cor de trans* é uma tentativa de agitar as pessoas e fazê-las perceber que também somos indivíduos” (SEMMALAR *apud* RAJENDRA, 2015, s/p).

<sup>15</sup> No original: “these books have been stocked in libraries of more than 300 colleges and universities in the

Ela também enfatiza a importância das autobiografias de pessoas trans e argumenta que dez anos atrás não havia muita discussão entre os estudantes sobre a comunidade de transgêneros. Essas autobiografias foram, em suas próprias palavras, “reveladoras” para as pessoas conhecerem a comunidade *hijra* (REVATHI, 2016, p. xiii). A escrita, ela afirma, “era poderosa para anunciar mudanças sociais. No entanto, me perguntava quantos Revathis mais, se tivessem tais oportunidades, teriam surgido? Certamente, não teriam sido forçadas ao trabalho sexual. Talvez elas também possam ter tido sucesso como escritoras, artistas e outras profissionais” (REVATHI, 2016, p. 87)<sup>16</sup>. Também poderíamos questionar: por que não tradutoras?

*The Truth about Me: A Hijra Life Story* (2010) forjou “uma nova gramática da escrita”, e Revathi, como outras *hijras*, quebrou os cânones literários estabelecidos, introduzindo uma linguagem intensamente pessoal e direta para falar sobre a transexualidade. Para ela, escrever é um processo “profundamente catártico e de cura”, onde sua “dor havia sido transformada em arte” (REVATHI, 2010, p. 87)<sup>17</sup>. Revathi inscreve não apenas a si mesma no mundo, mas também a sua comunidade. Escrever (autobiografia) sobre trauma é um dispositivo poderoso para transformar dor e perda em ação política.

Em 2015, *Me Hijra, Me Laxmi* foi lançado. O texto original foi escrito em marata pela jornalista Vaishali Rode, que deu forma à vida de Laxmi. A versão em inglês foi traduzida por R. Raj Rao e P.G. Joshi e tem, considero, um processo peculiar de tradução ou “criação literária”<sup>18</sup>. No prefácio do livro, Rao explica o processo linguístico envolvido na tradução da história de Laxmi:

É uma tradução colaborativa, com um de nós (P. G. Joshi) trabalhando com o original marata (o idioma de origem) e o outro (eu) “traduzindo para o inglês” a narrativa (colocando-o no idioma de destino). No entanto, nem Joshi nem eu somos completamente alheios à língua do outro: Joshi era, até recentemente, professor de inglês em uma faculdade afiliada à Universidade de Pune, e eu sou residente de Maharashtra. O que complica a obra é que ela não foi de autoria da

---

country. Together the books create awareness among students about gender and sexuality. As far as I know, the books form part of the prescribed syllabus in 20 universities and colleges”.

<sup>16</sup> No original: “was powerful to herald social change. Yet I wondered how many more Revathis, if they had such opportunities, would have emerged? Certainly, they would not have been forced into sex work. Perhaps they too could have blossomed as writers, artists and other professionals”.

<sup>17</sup> No original: “pain had been transformed into art”.

<sup>18</sup> R. Raj Rao é a primeira pessoa a reconhecer a literatura *hijra*. Como Rao afirma no posfácio de *Eu Hijra, eu Laxmi* (2015), “a autobiografia de Laxmi é uma das primeiras obras que pertencem ao gênero de literatura *hijra*. Ela procura conscientizar os leitores sobre quem realmente são as *hijras* e o que é necessário para moldar suas personalidades – sim, elas têm personalidades. Procura dissipar os mitos sobre as *hijras* e nos ajuda a eliminar nossos preconceitos.” (RAO, 2015, p. 183). No original: “Laxmi’s autobiography is one of the earliest works that belong to the genre of *hijra* literature. It seeks to make readers aware of who the *hijras* really are, and what goes into the shaping their personalities—yes, they do have personalities. It seeks to dispel myths about the *hijras* and help us shed our prejudices”.

O aspecto mais relevante dessa narrativa é que ela gera um contra-discurso e as *hijras* ocupam um lugar, tomando emprestada a palavra de Sandy Stone, “como sujeito falante dentro da estrutura tradicional de gênero para se tornar cúmplice no discurso que se deseja desconstruir” (STONE, 2006, p. 12). No original: “as speaking subject within the traditional gender frame to become complicit in the discourse which one wishes to deconstruct”.

própria Laxmi, que não é falante de marata, embora tenha morado em Mumbai por muito tempo; foi escrita por Vaishali Rode, jornalista marata, para quem Laxmi contou sua história (RAO, 2015, p. 212)<sup>19</sup>.

A descrição de Rao acima citada apresenta a diversidade linguística indiana e o papel da tradução para fazer circularem as histórias trans. É interessante notar que a história de Laxmi é legitimada primeiramente pela curiosidade de Rode em saber mais sobre as *hijras*. Mais tarde, ela recebeu outro impulso, além de ter ganhado maior repercussão, quando a tradução de trechos do livro feita por Rao e Joshi apareceu na revista *Words without Borders, The Queer Issue IV* 2013. Esses trechos, como Rao aponta, tiveram uma boa recepção e isso os incentivou a traduzir o livro inteiro.

A (auto)biografia de Laxmi, como afirma Vaishali Rode, “pode chocar a sociedade conservadora, que tem noções preconcebidas sobre *hijras*, sobre seu modo de andar, conversar, vestir e bater palmas. Mas a própria linguagem e comportamento de Laxmi contestam esse pensamento. Ela é culta até os fios do cabelo” (RODE, 2015, p. 235–236)<sup>20</sup>. Empoderada, ela se tornou crítica não apenas da sociedade, mas também de sua própria comunidade:

Eu observei todas as regras porque a decisão de se tornar uma hijra era, afinal, minha. Mas logo chegou um momento em que me rebelei. Eu não aguentava as restrições à minha liberdade. [...] É cansativo nadar contra a corrente. Eu tenho nadado contra duas correntes – uma é a sociedade e a outra, a comunidade. Ambas precisam mudar de atitude. Enquanto a sociedade precisa enfrentar seus preconceitos em relação às hijras, as próprias hijras devem ser francas (TRIPATHI, 2015, p. 160)<sup>21</sup>.

Seu ativismo surge quando observa a vida precária das prostitutas de Kamatipura, área de prostituição de Mumbai. Enquanto trabalhava para a DWS e Astitva, organizações não-governamentais, Laxmi busca melhorar as condições de vida de *hijras* e prostitutas. Seu trabalho social ganhou repercussões nacionais e internacionais e, em 2017, recebeu o prêmio de Indiano do Ano da *Brands Academy*. Ela lutou fortemente contra a Seção 377 do Código Penal Indiano. Depois da Autoridade Nacional de Serviços Jurídicos e da Poojya Mata Nasib Kaur Ji (sociedade de bem-estar das mulheres), Laxmi também apresentou uma petição

---

<sup>19</sup> No original: "It is a collaborative translation, with one of us (P.G. Joshi) working with the Marathi original (the source language) and the other (me) 'Englishing' the narrative (putting it into the target language). However, neither Joshi nor I are completely oblivious of the other's language: Joshi was, till recently, professor of English at a college affiliated to the University of Pune, and I am a domiciled Maharashtrian. What complicates the work is that it was not authored by Laxmi herself, who is not a Marathi speaker, though she has lived in Mumbai for long, but was written by Vaishali Rode, a Marathi journalist to whom Laxmi spoke".

<sup>20</sup> No original: "may shock the conservative society, which has preconceived notions about hijras, about their way of walking, talking, dressing, and clapping. But Laxmi's own language and demeanour contest it. She is cultured to her fingertips".

<sup>21</sup> No original: "I observed all the rules because the decision to become a hijra was, after all, mine. But soon there came a time when I rebelled. I could not stand the restrictions on my freedom. [...] It is tiresome to swim against the current. I have been swimming against two currents—one society and the other community. Both need to change their attitude. Whereas society needs to confront its biases towards the hijras, the hijras themselves must be forthright".



por escrito. Os esforços dela e também da comunidade LGBTQIA+ foram recompensados quando a Suprema Corte descriminalizou a homossexualidade em 06 de setembro de 2018. Essa lei colonial criminalizava as relações homossexuais na Índia por mais de um século. Foi usada contra comunidades vulneráveis, principalmente *hijras* e profissionais do sexo. A Seção 377 negava a dignidade e o respeito próprio que a Constituição da Índia lhes garante.

Em *A Gift of Goddess* (2017), Jhimli Mukherjee Pandey traduz a história de Manobi Bandyopadhyay e espera que “como a ‘alma’ de Manobi Di, que fala ao leitor através do livro, eu possa fazer justiça a ela” (PANDEY, 2017, p. 186)<sup>22</sup>. Bandyopadhyay, o indivíduo machucado que anseia por liberdade, tem que se (auto)traduzir, explicando o corpo trans porque, desta forma, “ajudaria a sociedade a entender melhor as pessoas como eu. Somos um pouco diferentes externamente, mas somos seres humanos exatamente como você e temos as mesmas necessidades – físicas e emocionais – da mesma forma que você” (BANDYOPADHYAY, 2017, p. ix)<sup>23</sup>. Manobi, como ela gosta de ser chamada, nunca deixou o *bullying* afetar seus estudos, sempre tirando boas notas na escola. Ela acreditava que essa seria a única maneira de superar o preconceito. Como em outras autobiografias trans, Manobi apresenta os anos escolares como marcados por infinitos abusos e discriminações, uma vez que seus traços femininos podiam ser identificados em sua infância. O mecanismo que as escolas desenvolvem para excluir aqueles que vivem feminilidades e/ou masculinidades diferentes das normas também atinge o nível de graduação:

A faculdade geralmente vem como um alívio na vida da maioria dos estudantes. Eles finalmente encontram liberdade depois de quatorze anos de vida escolar regular. Mas isso não aconteceu comigo. A faculdade era um outro lugar onde teria que lutar por minha identidade e respeito” (BANDYOPADHYAY, 2017, p. 39–40)<sup>24</sup>.

A discriminação contra ela (piadas, risadinhas, xingamentos e outras violências) ocorre em todos os níveis da escola. Sua vida profissional como professora de literatura bengalesa também é marcada por discriminação e violência. Em 1995, começou a lecionar na Faculdade de Vivekananada Satavarshiki, em Jhargram, e relembra seu primeiro dia na instituição, sendo ridicularizada por professores, alunos e funcionários:

Ninguém tão baixo como uma hijra deveria poder ensinar em uma faculdade, compartilhar a mesma sala de funcionários, banheiro e instalações. Inicialmente, eles pensaram que, se me fizessem sentir infeliz, iria embora por minha própria vontade. Mas quando perceberam que não desistiria tão facilmente, juntaram-se para me agredir de vez em quando (BANDYOPADHYAY, 2017, p. 93)<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> No original: “as Manobi Di’s “soul”, who speaks to the reader through the book, I have been able to do justice to her”.

<sup>23</sup> No original: “it would help society understand people like me better. We are slightly different outwardly, but we are humans just as you are and have the same needs—physical and emotional—just as you have”.

<sup>24</sup> No original: “College usually comes as a relief in the lives of most students. They finally find freedom after fourteen years of regimented school life. But this didn’t happen for me. I found college to be yet another place where I would have to fight for my identity and respect”.

<sup>25</sup> No original: “No one as lowly as a hijra should be allowed to teach in a college, share the same staffroom, toilet

Embora a violência física e verbal tenha sido uma constante em sua vida acadêmica, a educação para Manobi sempre foi sinônimo de resistência. Em suas aulas de literatura, ensina os alunos a ler criticamente textos literários bengalis, expondo-os a todas as formas de diversidade e injustiça social. Ela criou a primeira revista transexual na Índia. O nome da revista, *Abomanob/Subhuman*, refere-se ao *status* dado às pessoas transgênero pela sociedade. De acordo com Manobi, “foi meu protesto contra a nossa sociedade que finge ser magnânima e inclusiva, ao mesmo tempo em que é cruamente brutal sob sua máscara” (BANDYOPADHYAY, 2017, p. 112)<sup>26</sup>. Em 2005, ela defendeu sua tese de doutorado sobre transexualidade na Universidade de Kalyani. O diploma não facilitou a vida dela; pelo contrário, tornou-se um pesadelo. Os certificados acadêmicos carregam o nome masculino Somnath Bandyopadhyay e o diploma de doutorado leva o nome feminino Manabi Bandyopadhyay. Como resultado, ela perdeu o direito de uma promoção à posição de leitor. No entanto, isso não a impede de se candidatar à posição de diretora. Com um bom currículo acadêmico (boas notas, experiência de graduação, palestras, conferências, publicações e livros), ela é selecionada para ser a diretora do *Krishnagar Women's College* em 2015, tornando-se a primeira diretora transexual da Índia.

Os livros de Revathi e Manobi são publicados pela *Penguin Books India* e os de Laxmi pela *Oxford University Press*, *Penguin Random House India* e *Viking*, consideradas algumas das editoras internacionais mais prestigiadas. Em uma entrevista, o editor executivo da *Penguin Random House India*, Vaishali Mathur, argumenta que “a exploração e o ostracismo que elas enfrentam as tornam quem são – inspiradoras e exemplos do que a determinação pode fazer diante das probabilidades. É isso que torna suas histórias tão especiais” (MATHUR *apud* GUPTA, 2017, s/p)<sup>27</sup>.

Vidya, Revathi, Laxmi e Manobi apresentam em seus livros a importância de considerar questões de representação na obra literária. A literatura *hijra* vai além do guarda-chuva *queer*. É a visão de mundo de uma transexual. Essas escritoras são exemplos de vozes de minorias sexuais que os estudos literários não devem mais ignorar. Durante anos, seu direito de falar ou escrever foi negado. Não apenas Vidya, mas também Revathi, Laxmi e Manobi tiveram que, primeiramente, se traduzir (explicar quem são) a fim de fazer a sociedade percebê-las como seres humanos. Agora elas abriram espaço para se comporem em inteligibilidade e reexistência, contra a violência social, o apagamento institucional, o encarceramento e o homicídio. Assim, a literatura para elas se torna um dispositivo de transformação social. A mudança legal, como Revathi nos lembra,

sem liberdade social não tem sentido” e “a verdadeira igualdade surge apenas quando as mulheres são tratadas com respeito; como iguais no verdadeiro

---

and facilities. Initially they thought that if they made me feel miserable, I would leave of my own volition. But when they realized that I won't give in so easily, they got together to assault me every now and then".

<sup>26</sup> No original: "it was my protest against our society which pretends to be magnanimous and inclusive while being nakedly brutal beneath its mask".

<sup>27</sup> No original: "exploitation and ostracism they face makes them who they are— inspirational and examples of what determination can do in the face of odds. That's what makes their stories so special".

sentido do termo. Somente quando isso acontecer, as pessoas trans também serão verdadeiramente respeitadas como seres humanos (REVATHI, 2016, p. 237)<sup>28</sup>.

Os estudos de tradução estariam prontos para tratar a narrativa trans ou a narrativa *hijra* como um objeto de análise? E os estudos literários? Estariam prontos para se unirem aos estudos de transgêneros a fim de tornar a narrativa trans ou a narrativa *hijra* pesquisável? Isso só acontecerá quando a literatura não for vista como um objeto estético separado de qualquer contexto, mas vista através da interseccionalidade, conceito segundo o qual várias formas de estratificação social – como classe, casta, religião, raça, orientação sexual, idade, deficiência e gênero – não existem separadamente uma da outra, mas estão entrelaçadas (CRENSHAW, 1989, p. 150). Isso também ocorrerá quando personagens trans, conforme Casey Plett afirma, não forem escritas como “heroínas torturadas”. Em sua crítica ao romance de gênero em ascensão, Plett afirma que

historicamente, as pessoas trans sempre foram escritas de certas maneiras para servir a certos interesses por pessoas cis. E eu acho isso entediante e estúpido. Basicamente, meu argumento é que muitos desses romances com histórias escritas por pessoas cis tendem a colocar pessoas trans em pedestais e torná-las heroínas unidimensionais da Disney. Quando colocam uma personagem trans, estão sempre sozinhas, há apenas uma. É claro que as pessoas trans ficam sozinhas a maior parte do tempo e isso é péssimo, mas estou realmente interessada no que acontece quando você tem muitas pessoas trans juntas ... O que acontece quando as pessoas trans conversam entre si? Quando existe apenas uma de nós, somos somente apresentadas como uma anomalia (PLETT *apud* ROLLMANN, 2015, s/p)<sup>29</sup>.

Só então, eu afirmaria, a literatura pode realmente se tornar humanizadora. Não devemos ignorar a complexidade da literatura *hijra*/literatura trans, seja através de autobiografias e romances ou poesia. Essa literatura busca não apenas a visibilidade, mas também a representatividade. Retrata vidas trans e personagens situadas histórica e culturalmente. Concluo minhas reflexões sobre a literatura *hijra*, que ainda está em estágio inicial, com minha tradução para o português do poema de Revathi<sup>30</sup>. Suas palavras reverberam a luta trans por direitos e respeito. O poema, para mim, é uma ponte de solidariedade entre pessoas trans em todo o mundo.

<sup>28</sup> No original: "without social freedom is meaningless' and 'true equality emerges only when women are treated with respect; as equals in the true sense of the term. Only when this happens, will trans people also be truly respected as humans".

<sup>29</sup> No original: "trans people have historically always been written in certain ways to serve certain interests by cis people. And I think that's boring and dumb. Basically my argument is that a lot of these novels which have storylines written by cis people tend to put trans people on pedestals and make them like one-dimensional Disney heroes. When they put a trans character in, they're always alone, there's only one of them. Sure, trans people are alone a lot of the time and it sucks, but I'm really interested in what happens when you have lots of transpeople together... what happens when trans people talk to each other? When there's only one of us we can only be presented as an anomaly".

<sup>30</sup> Traduzi este poema para o livro *Corpos Transgressores: Políticas de Resistências* (2018), organizado por Dánie Marcelo de Jesus, Glenda Cristina Valim de Melo, Vicente Tchalian e Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior. O poema original pode ser encontrado no livro de A. Revathi, *A Life in Trans Activism* (2016, p. 67–68).

My Rights as a Trans Woman	Meus direitos de Mulher Trans
<p style="text-align: center;">A. Revathi</p> <p style="text-align: center;">Rejected by parents Rejected by society Rejected by the world I sing today.</p> <p>I am left with neither property nor pleasure I am left with neither home nor a job.</p> <p>I was born a man I have struggled to be as any woman to be a daughter, a sister a mother, a grandmother a granddaughter.</p> <p>Ours is an excluded and exiled community we are the aravanis the transgender people.</p> <p>Violated by goondas and the police criminalized by the law that fails to understand our desperation to live, to exist.</p> <p>We are called beggars and sex workers has this world left us any choice?</p> <p>We crave for love we need to love too as do all human beings.</p> <p>We will continue to struggle we ask not for your pity only your understanding.</p> <p>We demand acceptance from parents from society from the world to be human to live as we have chosen.</p>	<p style="text-align: center;">A. Revathi</p> <p style="text-align: center;">Rejeitada pelos pais Rejeitada pela sociedade Rejeitada pelo mundo Eu me manifesto hoje.</p> <p>Fui deixada sem herança sem prazer sem lar sem emprego.</p> <p>Nasci homem luto para ser como qualquer mulher ser filha, irmã mãe, avó neta.</p> <p>Nossa comunidade é excluída exilada somos hijras/aravanis somos pessoas trans.</p> <p>Violentadas pelos goondas e pela polícia criminalizadas pela lei que não consegue compreender nosso desespero para viver, para existir.</p> <p>Xingadas de prostitutas e mendigas o mundo nos dá alguma escolha?</p> <p>Ansiamos por amor precisamos amar também como todos os seres humanos.</p> <p>Continuaremos a lutar não pedimos sua piedade somente sua compreensão.</p> <p>Exigimos aceitação dos pais da sociedade do mundo para sermos vistas como seres humanos para viver como escolhemos.</p>

RAMOS, R. C. O. Making Trans Experiences Visible through Translations. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 12, n. 1, p. 288-301, 2020. [Trad. Davi Silistino de Souza]. ISSN 2177-3807.

## Referências

BANDYOPADHYAY, M. *A Gift of Goddess Lakshmi*. New Delhi, Penguin Books, 2017.

CRENSHAW, K. Demarginalising the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics, *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

CROCKER, L. How India Embraces Third Gender: Laxmi Narayan Tripathi at Women in World. *Daily Beast*, 4 July 2017. Available at: <https://www.thedailybeast.com/how-india-embraces-the-third-gender-laxmi-narayan-tripathi-at-women-in-the-world?ref=scroll>. Accessed: 15 nov. 2017.

CURRAH, P.; STRYKER, S. *Postposttranssexual: Key Concepts for a 21st Century Transgender Studies (TSQ: Transgender Studies Quarterly)*. Durham, Duke University Press, 2014.

ENKE, A. F. Translation. In: CURRAH, P.; STRYKER, S. *Postposttranssexual: Key Concepts for a 21st Century Transgender Studies (TSQ: Transgender Studies Quarterly)*, Durham, Duke University Press, p. 241–244, 2014.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

GRAMLING, D.; DUTTA, A. Introduction, *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, Durham, v. 3, n. 3–4, p. 333–356, nov. 2016.

GUPTA, K. These books are (not) lost in transgender. *DNA* 15 March 2017. Available at: <http://www.dnaindia.com/lifestyle/report-these-books-are-not-lost-in-transgender-2352793>. Accessed: 18 dec. 2017.

PANDEY, J. M. Acknowledgements. *A Gift of Goddess Lakshmi*. By Manobi Bandyopadhyay. New Delhi, Penguin Books, 2017. p. 185–187.

RAJENDRA, R. Panmai, the first transgender theatre group in Tamil Nadu, on the need to have a space to tell their stories. *The Hindu*, 2015, Metroplus. Web. 15 March 2017. Available at: <https://www.thehindu.com/features/metroplus/a-chat-with-panmai-the-first-transgender-theatre-group-in-tamil-nadu/article7495717.ece> Web. Accessed: 18 dec. 2017.

RAMOS, R. C. O. Making Trans Experiences Visible through Translations. In: PRASAD, G. J. V. (Org.). *India in translation, Translation in India*. New Delhi: Bloomsbury, 2019. p. 71 - 88.



\_\_\_\_\_. The Voice of an Indian Trans Woman: A Hijra Autobiography, *Indi@log*, Barcelona, v. 5, s/n., p. 71–88, 2018.

RAO, R. R., Foreword. In: TRIPATHI, Laxmi Narayan. *Me Hijra, Me Laxmi*. New Delhi, Oxford University Press, 2015. p. 181–213.

REVATHI, A. *The Truth about Me: A Hijra Life Story*. Translated by V. Geetha. New Delhi: Penguin Books, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Life in Trans Activism*. Translated by Nandini Murali. New Delhi: Zubaan, 2016.

RODE, Vaishali, Preface to the Marathi Edition. *Me Hijra, Me Laxmi*. By Laxmi Narayan Tripathi. New Delhi, Oxford University Press, 2015, pp. 221–37.

ROLLMANN, H. How Do You Define the Genre of Trans Literature?' *Popmatters*, 2015. Web 18 dec. 2017. Available at: <https://www.popmatters.com/how-do-you-define-the-genre-of-trans-literature-2495490457.html>. Accessed: 18 dec. 2018.

SEMMALAR, G. I. Unpacking Solidarities of the Oppressed: Notes on Trans Struggles, *Women's Studies Quarterly*, Towson, v. 42, n. 3–4, p. 286–291, Fall/Winter 2014.

STONE, S. The “Empire” Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto. In: STRYKER, S.; WHITTLE, S. *Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006.

STRYKER, S. Introduction to Translation. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, Durham, v. 2, n. 3, p. 525, aug. 2015.

\_\_\_\_\_.; WHITTLE, S. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_.; CURRAH, P. 'Introduction'. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, Durham, v. 1, n. 1–2, p. 5, may 2014.

TRIPATHI, L. N. *Me Hijra, Me Laxmi*. Translated by R. Raj Rao and P. G. Joshi. New Delhi: Oxford University Press, 2015.

VIDYA, L. S. *I am Vidya: A Transgender's Journey*. New Delhi: Rupa Publications, 2013.

Recebido em: 25 abr. 2020

Aceito em: 5 mai. 2020